



## Máscaras: identidades e etnomaterialização

*Masks: identity and the ethnomaterialization*

**Nilton Gonçalves Gamba Junior, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

[gambajunior@dad.puc-rio.br](mailto:gambajunior@dad.puc-rio.br)

**Miguel Santos de Carvalho, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**

[miguelcarvalho@dad.puc-rio.br](mailto:miguelcarvalho@dad.puc-rio.br)

**Priscila Andrade, Universidade Federal do Maranhão**

[priscila.andrade@ufma.br](mailto:priscila.andrade@ufma.br)

### Resumo

O presente artigo apresenta a noção de etnomaterialização como forma de ampliar a visibilidade da interferência material nos estudos sobre a cultura e objetiva uma reflexão sobre a contribuição da pesquisa em Comunicação Visual e Design para os estudos etnográficos. Propondo como aplicação a observação das relações entre máscaras e identidade, apoia-se em autores como Mariza Peirano e Pier Paolo Pasolini para discutir o papel da etnografia como técnica, método e área, e ainda refletir sobre a cultura material e a complexidade a partir de diferentes formas de registro.

**Palavras-chave:** Etnomaterialização, Máscaras, Identidade.

### Abstract

*This paper presents the notion of ethnomaterialization as a way of increasing the visibility of material interference in studies on culture and aims to reflect on the contribution of research in visual communication and design to ethnographic studies. Bringing as an application the observation of the relationships between masks and identity, it relies on authors such as Mariza Peirano and Pier Paolo Pasolini to discuss the role of ethnography as a technique, as a method and as an area, and also reflect on material culture and the complexity of from different forms of registration.*

**Keywords:** Ethnomaterialization, Masks, Identity.





## Introdução

O objetivo deste texto é refletir sobre a contribuição da pesquisa em Comunicação Visual e Design para os estudos etnográficos propondo a noção de *etnomaterialização* como uma ampliação da visibilidade da interferência material nos estudos sobre cultura. Nessa perspectiva, a análise de materiais e processos, dos resultados estéticos e simbólicos e da performatividade estrutura a pesquisa sobre cultura, contribuindo para o diálogo com os estudos da Comunicação Visual dentro da área do Design. Como aplicação particular desses métodos e técnicas de pesquisa, utilizamos a observação das relações entre máscaras e identidade.

Descrevemos aqui, uma parte do projeto de pesquisa *Mascarados afroiberoamericanos*, que coloca em diálogo manifestações de mascarados da Península Ibérica, da África e da América Latina. Na primeira etapa, a pesquisa se detém nos bate-bolas<sup>1</sup> dos subúrbios do Rio de Janeiro em diálogo com outras manifestações internacionais. O objetivo geral é que os sistemas de memória e difusão das manifestações brincantes sejam não só inovadores, mas colaborativos, atualizáveis e sustentáveis a partir da contribuição dos estudos em Design. Destacamos a abordagem da etnomaterialização exemplificando seu uso em uma parte do projeto de pesquisa que responde a uma questão específica: como a materialidade, no âmbito do registro, da análise e da difusão, contribui para um estudo sobre identidade?

A etnomaterialização pretende discutir a tipologia dos registros; analisar as linguagens inerentes às suas diversidades; utilizar a própria sintaxe da imagem e de outros recursos multissensoriais como forma de leitura do objeto de estudo; propor interferências e edições no registro documental, com o objetivo de facilitar seus processos de interpretação e veiculação; e, por último, desenvolver pesquisas aplicadas em suportes inovadores para a difusão e a visibilidade dessa documentação ou para intervir no campo com soluções de projeto. Ou seja, ela tem como objetivo refletir sobre a cultura material e a complexidade de sua leitura.

## Etnomaterialização

A etnografia tem na etimologia os radicais gregos *ethos* (cultura) e *grafe* (grafia), com principal significado a descrição da cultura por uma perspectiva diretamente ligada à empiria. Em seu artigo de crítica à descrição da etnografia como método, Mariza Peirano (2014) reforça a dimensão material dessa empiria, o que pode ser lido por diferentes técnicas de registro e veiculação de informação.

Início por um lugar comum: como todos sabemos, a etnografia é a ideia-mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. (Peirano, 2014, p. 380)

---

<sup>1</sup> Os Bate-Bolas ou Clóvis são mascarados do carnaval carioca. Oriundos da região de Santa Cruz, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, por volta de 1930, eles emergem em um contexto particular de três marcos urbanos: a construção da ferrovia Santa-Cruz/Mangaratiba, o funcionamento do hangar do dirigível alemão Zeppelin e a existência no local do grande matadouro da cidade. Todos os marcos estão ligados às influências migratórias no festejo. Hoje, mais de 500 turmas se espalham pelos bairros das zonas norte e oeste, e fora do município, como na baixada Fluminense e Niterói.



Mariza Peirano problematiza se a etnografia é técnica, método ou área, ajudando a distinguir sua função dentro e fora da Antropologia. Se definida como técnica de pesquisa, reduz-se o papel dos instrumentos de materialização provenientes das artes e do design envolvidos em um processo de registro e divulgação acadêmica. Assim, ao propor a etnografia como técnica, a visibilidade de sua modelagem sistêmica (método) e dos diferentes processos de documentação (outras técnicas) fica fragilizada. Como método, a etnografia evidencia um conjunto amplo de objetivos gerais e específicos e deixa espaço para que as técnicas de pesquisa sejam ainda classificadas e possam propor análises diferenciadas por causa dos meios, suportes e tecnologias que utilizam. Já como área, a autora reforça a relevância da potência do estudo de métodos etnográficos diversificados, do paralelismo do nome em relação às outras áreas de produção do saber e da valorização de um corpo teórico próprio.

Apesar do artigo de Peirano criticar a visão da etnografia como método ou técnica, é preciso sinalizar que sua reflexão é no contexto da Antropologia. Em contrapartida, na área de Design, mais especificamente para os objetivos desta pesquisa, a visão da etnografia como método é mais pertinente, pois dialoga com as especificidades das duas pontas da pesquisa – da técnica e da área. O método etnográfico pode se ligar à pesquisa em Design (área) e se valer de diferentes ferramentas de registros e de veículos de difusão como ferramentas instrumentais do design (técnica).

Partindo dessas premissas, a etnomaterialização é uma abordagem proposta para evidenciar o papel da etnografia como método, dentro da pesquisa em Design, como área. Ainda é, de forma complementar, uma contribuição do design para a Etnografia (como área) na releitura das ferramentas usadas em campo. O que a comunicação visual vem oferecendo à leitura da cultura é um conhecimento mais aprofundado de materiais e técnicas de representação que ganham visibilidade dentro das técnicas de registro e pesquisa<sup>2</sup> – processos e linguagens que podem contribuir para uma leitura ampliada da empiria.

O *grafar*, presente na etimologia do termo, é vinculado, muitas vezes, a uma descrição final textual, pela influência histórica dos métodos científicos, como vemos neste extrato da mesma autora: "Transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto" (Peirano, 2014, p. 386). Entretanto, a história da Antropologia já desconstruiu esse vetor único de difusão e edição do registro, no qual a materialidade não é apenas um dado na empiria ou uma etapa no meio do registro que será analisada pelo texto, ela pode ser a prática descritiva. Etnovídeo, etnodocumentário, etnoficção são exemplos nos quais o radical *grafia* dá lugar à especificação de uma materialidade criativa. Na etnomaterialização, o destaque para a dimensão material do registro de uma cultura é, em si, um nicho de investigação em que questões éticas, políticas e de tradutibilidade emergem como desafio para o pesquisador interdisciplinar e o designer que se debruçar nesses modelos de documentação e descrição.

---

<sup>2</sup> Aqui, distinguimos técnica de pesquisa (como a observação participante) de técnica de representação, usada como ferramenta para uma técnica de pesquisa (como o uso de vídeo e fotografia para a observação participante). Embora, muitas vezes, tenhamos sobreposições nas quais a denominação de uma técnica de registro possa ser usada como técnica de pesquisa ou a técnica possa ser vista como método, por algumas perspectivas, vamos tentar sempre identificar a abordagem de cada recurso.



Curiosamente, na citação anterior de Peirano, falta justamente a referência à dimensão imagética ou tátil da descrição da empiria, talvez as técnicas de representação que mais têm desdobramentos e implicações nas técnicas de pesquisa usadas nos estudos antropológicos. Para além da *grafia* como uma *escrita*, a etnografia entende diferentes técnicas de registros, como a fotografia e o audiovisual, quando se detêm em objetos de análise, como vestimentas, utensílios ou gestos de um grupo social, ou seja, na expressão material como um conjunto complexo. Dialogando com o risco de redução da importância da leitura material, a proposta da etnomaterialização é destacar, na *grafia*, o aspecto multimidiático, multidisciplinar e multimodal do registro, o que inclui, naturalmente, o texto.

A etnomaterialização destaca que a análise material deve refletir sobre as práticas culturais observáveis no campo; o lugar de fala de quem pesquisa e faz o registro; os próprios modelos de registro de informações; a elaboração de categorias de análise diversificadas para os meios e as linguagens; a mediação da divulgação acadêmica ou extramuros da pesquisa; os métodos de ação no campo por meio de pesquisa-intervenção (interferir em práticas existentes); a geração de oportunidades e soluções de projetos para o campo investigado, por meio de pesquisa aplicada; e, por último, as questões estéticas, técnicas e políticas de todos esses aparatos – utilizados no fazer e na produção do campo, nos registros, nos acervos e na difusão.

Se o objeto de análise for uma máscara, a matéria-prima, o método fabril utilizado, seu processo de descarte, sua forma, os aspectos simbólicos e funcionais e a performatividade envolvida – incluindo gestos, movimento, territorialidade e relações espaciais –, falarão todos sobre uma cultura. Falarão, igualmente, os veículos que usaremos para mediar o registro e a difusão. O objetivo é conceber a empiria para além do objeto isoladamente, mas inserida em uma experiência material complexa, o que coloca um desafio: entender a relevância das análises pontuais e isoladas de um artefato e o seu confronto permanente com as demais variáveis do contexto. No texto *O discurso dos cabelos*, da coletânea *Jovens infelizes*, que Michel Lahud organizou com textos de Pasolini (1990), o autor dá uma prova exemplar do que denominamos etnomaterialização, incluída na noção de semiologia da realidade.

Pasolini (1990) analisa relações sociais amplas, por exemplo, a partir da entrada de dois rapazes com os modernos cabelos compridos, do início dos anos 1970, em um bar, em uma localidade na periferia de Roma. Primeiro, ele precisa partir de uma análise formal para entender, de fato, no que os penteados dos jovens se diferem estruturalmente. Dessa análise à sintaxe visual e a uma observação da recepção local daquelas formas, o autor faz emergir uma *análise do discurso* produzido por aqueles cabeludos. Sentidos produzidos de forma mais ou menos articulada por aquela experiência ampla e multifacetada, mas que parte da entrada de um artefato pontual, o penteado dos jovens italianos.

Pasolini (1990) nos convoca, assim, não só a explicitar os artefatos, mas a lhes dar um espaço de reflexão no qual convergem áreas do saber específicas para o estudo da materialidade. As camadas de estudo vão da análise visual à gestalt, da semiologia à iconologia, da estética à história da arte e à própria etnografia. A materialidade, em suas camadas, pode ser analisada como produtora de um discurso. Associado às histórias de vida recolhidas, também de forma híbrida, tem-se um estudo etnográfico amplo e multidisciplinar. Se entendermos a etnomaterialização como uma abordagem que pretende problematizar não só os objetos de



estudo, mas também os meios de registro, análise e divulgação da cultura, será importante a contribuição de categorias de análise, como as da semiologia da realidade pasoliniana, para estudar um cenário tão denso de camadas de leitura.

Em diferentes pesquisas, aponta-se a relevância da obra Pier Paolo Pasolini não só para a subárea de comunicação visual, como para toda a área do design. Ao propor a sua 'semiologia da realidade', Pasolini amplia os pressupostos de análise da experiência comunicacional para além dos limites de um suporte tradicional. Se a metodologia da *Media Ecology* pressupõe uma experiência ampliada do sistema de comunicação para além do consumo de seu aparelho, entendendo o entorno, as influências de outros sistemas comunicacionais e, portanto, de outros aparelhos, Pasolini vai propor uma ampliação do objeto comunicacional analisável. (Gamba Junior, 2019, p. 72)

Pasolini (1990), ao se preocupar em criar uma abordagem semiológica mais ampla, descreve as especificidades de cada recurso material de maneira particular, propondo o termo linguagens subjacentes (Pasolini, 1982). A sugestão do autor é dar visibilidade às linguagens criadas por técnicas, tratando-as como camadas arqueológicas sobrepostas. Camadas que vão oferecer, ao estudioso da cultura, os dispositivos analíticos necessários e, ao mesmo tempo, as ferramentas conceituais para a subversão de duas simplificações recorrentes: a associação exclusiva de uma linguagem a uma técnica ou vice-versa e, por outro lado, a abordagem histórica linear do surgimento dessas linguagens (Gamba Junior, 2019).

Pasolini (1983) reflete sobre a diferenciação entre o cinema e o filme como ponto de partida de seus estudos baseados na distinção entre *langue* e *parole* de Saussure. Ele determina que a linguagem é, sim, evidenciada a partir da introdução de um determinado uso cultural de uma técnica. Porém, a própria prática do uso dos aparelhos pode subverter esse laço original criando repertórios, e, assim, aparelhos técnicos devem sofrer interferência dessa nova linguagem, alterando suas relações ontológicas também. No entanto, a liberdade de borramento das relações entre técnicas e linguagens, no percurso tecnológico entre um programa potencial e o ato em si, não exclui a relevância da análise das linguagens (*langue*) nas suas relações com as tecnologias e aparelhos utilizados e o estudo das especificidades do uso nos artefatos experimentados pela cultura (*parole*).

A própria tensão entre língua e fala, ou entre cinema e filme, determina que se entenda que os marcos históricos são apenas pontos de partida. A plasticidade dos usos faz com as camadas de relações sejam móveis e, muitas vezes, momentos históricos recentes revisitam processos ou linguagens muito anteriores, recobrando, na forma original, uma linguagem já pouco visível (Gamba Junior, 2019).

Se a cultura, como objeto de estudo empírico, já tem fortes laços com a materialidade, como vimos, as diferentes maneiras de registro e difusão também estão implicadas nessa dimensão, ampliando a interferência da análise material, agora nos estudos não só da realidade em si, mas das suas mediações técnicas. Além da diversidade de funções da análise material como objetivo operacional da pesquisa, a etnomaterialização ainda pretende destacar que a própria grafia ou escrita desses objetivos é tão múltipla e complexa quanto os meios: pictóricos, fotográficos, videográficos, interativos ou, ainda, documentais e ficcionais.

As aquarelas de Debret dão às cenas das relações escravocratas do Brasil do século XIX uma leveza e polidez paradoxais típicas da técnica com suas referências das escolas francesas. Qual é



o tipo de leitura que faríamos se, em vez dessa técnica, as cenas tivessem sido fotografadas pelas lentes de Sebastião Salgado? Os resultados tão distintos desse sistema de registro implicariam em modelos diferentes de análise, exposição e consumo? As aquarelas suscitam mais facilmente a montagem de pequenos quadrinhos decorativos em uma sala de espera de um médico carioca – apesar de certa morbidez do tema –, mas fotos mais realistas e jornalísticas talvez não se prestassem à mesma função final – embora registrando, hipoteticamente, a mesma cena.

Pasolini (1983) confirma essa tese em *Empirismo herege* ao evocar a dimensão estrutural e até linguística dos artefatos e das mediações que se colocam entre eles e os sujeitos. O autor parte do verbo para chegar ao audiovisual com sua linguagem híbrida e as demais linguagens subjacentes. Pasolini afirma que, de fato, teríamos dois fenômenos de pesquisa a partir dos dois registros hipoteticamente propostos (Debret e Sebastião Salgado).

Atualmente, são inúmeras as possibilidades de se registrar um fenômeno, que reforçam a importância vital da atuação do designer na concepção, no planejamento, no desenvolvimento e na finalização das etapas de pesquisa, incluindo a contribuição do corpo teórico da área para a reflexão sobre aspectos simbólicos, sociais e técnicos da produção material. Se esse material será a *grafia* com que descrevemos o campo para outros leitores, esse *grafar* precisa ser estudado de forma ética e política.

Peirano (2014), finalmente, oferece uma opção terminológica para não precisarmos associar a etnografia exclusivamente à noção de método. Para tanto, propõe a distinção entre etnografia e método etnográfico: o primeiro termo diz respeito a dispositivos teóricos, o segundo a dispositivos analíticos envolvendo a descrição do uso de objetivos e técnicas diversificadas.

Uso esse exemplo conhecido para ressaltar mais uma vez o fato fundamental de que monografias não são resultado simplesmente de 'métodos etnográficos'; elas são formulações teórico-etnográficas. Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria. (Peirano, 2014, p. 383)

Assim, no âmbito desta pesquisa, a etnomaterialização é o aumento da visibilidade dos métodos etnográficos para a pesquisa na área do Design. No entanto, essa opção pretende deixar claro que a relevância da visibilidade dada pelo Design à materialidade, com a etnomaterialização, pretende contribuir também com a Etnografia, como área, em uma perspectiva interdisciplinar do conhecimento.

## **Identidade e máscaras**

Entendendo que identidades são representações de nexos sociais por meio da formação de grupos ou fronteiras identificáveis, a cultura material terá participação fundamental em subsidiar essa construção com aspectos do próprio sujeito (cor, idade, gênero) ou com artefatos (vestuário, acessórios, instrumentos). A máscara é um artefato particularmente expressivo nessas relações de identificação. Como função primeira, a máscara interfere exatamente em um dos mecanismos de representação da identidade de um sujeito e de seu vínculo a alguma tipologia: a sua fisionomia. As funções da máscara podem ser múltiplas, como esconder papéis



predefinidos, relativizá-los de forma lúdica, reafirmá-los com símbolos de reificação, expandi-los no sentido místico e ritualístico ou comunicá-los para outros grupos e sociedades.

Para a etnografia, a máscara tem esses papéis evidenciados na empiria e na reincidência histórica de suas funções e seus sentidos. Na pesquisa, partimos da história das manifestações de mascarados na Europa de Luís Filipe Rodrigues da Costa (2017), um brincante de Podence que delinea o percurso desses rituais desde o Neolítico. Embora o seu objeto de estudo seja os Caretos de Podence, o autor organiza uma reflexão na qual propõe estudos sobre marcos mais relevantes, fluxos e rupturas, e desenha as funções primordiais que relacionam diferentes manifestações contemporâneas, como os bate-bolas cariocas.

Essa relação entre máscara e papéis identitários remonta ao período Neolítico. Para a arqueologia, a relação entre desigualdade social e identidades também tem sua origem recorrentemente apontada para o Neolítico (Price; Feinman, 2012 e Chang, 1958). Essa é a grande relevância da pesquisa sobre esse período histórico para a contemporaneidade das máscaras.

Para autores como Chang (1958), com a troca do nomadismo pelo assentamento, se construíram várias dimensões sociais fundadoras, como a periodização das atividades (estações do ano), a ideia de patrimônio ou propriedade e a estruturação de papéis sociais mais complexamente segmentados, envolvendo hierarquias e relações de poder – aspectos ligados às funções ontológicas dos ritos de máscaras: a ruptura com uma norma identitária.

Com base nesses trabalhos e em outros, sou levado a acreditar que o ajustamento econômico de uma comunidade neolítica é o principal determinante de seu padrão comunitário, embora eu não negasse que a derivação histórica (de Borhegyi 1956a), a guerra (Bennett, 1949: 15-16) e crenças e valores culturais (Vogt, 1956: 181) podem ter desempenhado papéis limitados. (Chang, 1958, p. 300)

Em várias regiões do Hemisfério Norte, as máscaras surgiram nos festivais inverniais. Os festivais incluíam ritos religiosos subjugados à produção econômica agrícola: inverno como período impróprio para o plantio ou a colheita. Uma estação rigorosa rompia com o ciclo produtivo e, com ela, havia também a ruptura de padrões do assentamento comunitário.

Tanto as atividades como os papéis sociais simbólicos dos cidadãos poderiam ser ressignificados em um rito de passagem do tempo – inicialmente, de caráter sagrado, e, mais à frente, com mesclas do profano. Em ritos daqueles períodos, os homens iniciam o evento saindo da comunidade e retornam cobertos de peles e mascarados com representações que poderiam remeter a animais relacionados a mitos de ascendência ou a representações de outras formas de entidades transcendentais. O disfarce permitia a ruptura com a identidade social do brincante e a modificação dos hábitos da aldeia.

Além das máscaras, Costa (2017) descreve que é comum encontrar alusões ao uso de pedaços de animais ainda com sangue. Os jovens, com esses retalhos de pele, assustavam e corriam atrás dos outros para lhes bater com o objeto, em uma brincadeira que envolvia a todos no ritual. O fim dessa espécie de "pique" era uma autorização do grupo para a entrada em um período de catarses coletivas que poderiam envolver excessos (alimentos, danças, sexo); novas regras (horários e hábitos); novas funções (místicas, lúdicas ou de expiação e contrição); e o



estímulo e a permissão para experimentação de novos estados de consciência (com álcool ou outras substâncias ou práticas facilitadoras de uma nova experiência de consciência). Os mascarados atravessavam a estação, do início ao fim, como mediadores da experiência invernal de ruptura e sua própria substância.

Acrescentando ao estilo de vida gregária a fundação de experiências particulares de identidade, o livro *Pathways to power – New perspectives on the emergence of social inequality* (Price; Feinman, 2012) aponta a transição do Neolítico para a Idades dos Metais como marco fundamental para encontrar as raízes das relações gregárias complexas e suas consequências. O mesmo período histórico abrange o surgimento dos ritos de mascarados inverniais e a potencialização dos elementos estruturais da diferenciação social, e ambos têm um histórico relativamente estável e permanente até os dias atuais. Essa pregnância é apontada por Costa (2017), quando ele propõe um resumo histórico no qual grandes câmbios sociais não destituem os ritos de uma função mais ampla quanto à problematização dos papéis sociais.

O histórico das máscaras vai desde manifestações religiosas arcaicas até as saturnais romanas; depois, na gradual transição para as festas profanas medievais, ou na Era Moderna, com os festejos híbridos e, na Modernidade, com o caráter identitário nacional das manifestações. Estão sempre presentes as provocações das máscaras em relação aos diferentes sistemas de diferenciação social. Price e Feinman (2012) acrescentam hierarquia, status e desigualdade a essas diferenciações sociais. Gênero ou idade podem identificar a segmentação hierárquica. Uma manifestação de máscaras, como a do carnaval medieval descrito por Mikhail Bakhtin (1987), responderá exatamente a essa organização social de identidades com questionamentos, sátiras, sarcasmos, subversões, liberdades provisórias, fugas e, por outro lado, ratificações. As críticas carnavalescas aos lugares de opressão e privilégios, descritas por Bakhtin (1987), dialogam com Price e Feinman (2012) no que eles alertam sobre a desigualdade consequente das divisões identitárias.

A desigualdade social, o princípio organizador da estrutura hierárquica na sociedade humana, manifesta-se no acesso desigual a bens, informação, tomada de decisão e poder. O status é o determinante da posição social e a diferenciação de status é a base da desigualdade. Diversas condições humanas são usadas para ordenar hierarquias sociais e para determinar status e acesso. Estes incluem idade, sexo, ordem de nascimento, classe, raça e vários outros. A desigualdade social é uma característica de praticamente todas as sociedades da Terra hoje e sua história remonta a milhares de anos. (Price; Feinman, 2012, p. 2)

A etnografia como estudo dos papéis sociais se articula nas pontes entre a pesquisa material e a simbólica das manifestações mascaradas e das diferenciações sociais em agrupamentos. 'Máscara social' é um termo do senso comum, e esse uso metafórico serve para associar a identidade com o acessório físico por causa da sua interferência na visibilidade da fisionomia – aspecto preponderante dessas desigualdades raciais, etárias, de gênero. Nessa interferência, o mascarado dá visibilidade às dualidades dos papéis identitários por evocar a ideia de transitoriedade, mobilidade, superficialidade, sobreposição e performatividade da máscara em oposição à ilusão de permanência, estatismo, profundidade, exclusão e essência de certos pressupostos de diferenciação social. Assim, os religiosos neolíticos, os brincantes medievais ou os inúmeros mascarados contemporâneos estão nos forçando a ver, pelas condições da própria materialidade da máscara, os limites e as potências das representações de identidades sociais.





## Bate-bolas

Os bate-bolas da cidade do Rio de Janeiro foram documentados, analisados e divulgados pelo projeto de pesquisa *Mascarados afroiberoamericanos*. O ponto de partida foi o mapeamento das documentações existentes e a identificação de demandas específicas de registro. A maioria dos documentos encontrados era fotos e vídeos amadores do momento da *saída das turmas*<sup>3</sup>. Além dessa documentação mais volumosa, alguns fotógrafos se dedicaram a fazer registros poéticos dos festejos. Documentários já tinham sido produzidos sem grande qualidade técnica de captura de imagem e som.

O material jornalístico não é grande e tende a reforçar estereótipos de violência e criminalidade, que podem alcançar mais audiência. Em função da catalogação dessas fontes documentais e de demandas identificáveis em entrevistas ou análises exploratórias, fomos a campo com novos modelos de registro, observando o método de etnomaterialização.

Registramos o festejo com recursos alternativos: drones, com os quais questões sociais apareciam na identificação e na caracterização do espaço urbano, mas também no registro simultâneo de várias ações da performatividade; câmeras 360 graus; e câmeras *Gopro*, acopladas à fantasia de algum brincante, para mapear as relações entre o brincante e o restante da comunidade. Reações de medo, admiração, humor tornaram-se visíveis do ponto de vista do bate-bola (*Gopro*) ou nas complexas interações dos sujeitos no espaço público (360 graus). Gravações de vídeo e fotografias foram feitas em momentos posteriores às saídas e em contextos variados, como na saída para outros bairros, em que artefatos variados apareceram de forma importante, como os kits das turmas<sup>4</sup>.

Paralelo ao registro do campo, montamos um acervo de fantasias para compor um tipo de documentação inexistente e fundamental para a análise material. Produzimos fotos e vídeos de fantasias em estúdios com fundo neutro, iluminação profissional e alta resolução de imagem; filmamos detalhes de máscaras, roupas e acessórios; produzimos gravações em *slow motion* de movimentações e registramos os líderes de turma em entrevistas e fotos.

Esse tipo de registro foi expandido em um estúdio móvel levado para diferentes localidades, onde os bate-bolas se reuniam (como na premiação, na Cinelândia), e permitiu a ampliação da amostragem das turmas registradas para além do acervo de fantasias do laboratório. Também

---

<sup>3</sup> Embora, no início, as fantasias de bate-bola fossem individuais, hoje, são em grupos - chamados de turmas - e com temas anuais. A saída das turmas é o primeiro dia que o grupo coloca a fantasia e se apresenta, geralmente, em seu bairro e com uma série de ritos, como fogos de artifício, bebidas e comidas.

<sup>4</sup> Kits são um conjunto de roupas e acessórios que os bate-bolas produzem para usar sob a fantasia. Como as fantasias são muito quentes, estamos no verão - ao contrário dos festivais de inverno do Hemisfério Norte -, e eles podem se deslocar para lugares bem distantes de seu domicílio, precisam de uma roupa que permita continuar no carnaval quando tiram o traje principal. O kit compreende um conjunto de camiseta e short personalizados com o nome e o tema da turma daquele ano. O short é colocado sobre a meia-calça da fantasia para não precisar de trocas de roupa. Eles apenas colocam a fantasia sobre o kit. Além da roupa de baixo, o kit pode incluir uma pequena bolsa para guardar os documentos e o celular e uma caneca com tirante para bebidas - tudo personalizado.



foram documentadas as produções técnicas dos líderes de turma, mostrando seus ateliês, materiais usados e processos envolvidos.

O material foi compartilhado com os brincantes e a equipe de pesquisa para diferentes tipos de recortes de observação e análise. Dentro da perspectiva da etnomaterialização, todo o processo de captura e o sistema de registro já contemplava algumas demandas de análise e algumas aplicações na 'grafia' da pesquisa. A rede social *Facebook*<sup>5</sup> foi a plataforma de divulgação escolhida por ser a mais usada pelos brincantes. Nela, compartilhamos registros, análises, estudos e aplicações, como o canal de vídeos no Youtube com a série *Minu Docs*<sup>6</sup> – vídeos de um minuto que servem de alternativa à ideia de um documentário único por produzir uma série permanentemente atualizável.

Essas duas ferramentas de divulgação, assim como as demais intervenções no campo da pesquisa aplicada, têm em comum as seguintes características: são realizadas em parceria com os integrantes, customizáveis em algum aspecto, processuais durante sua validação, seriadas para permitir a processualidade e a interatividade em relação ao público leitor. Já foram produzidos, como uma etapa avançada da etnomaterialização, outros artefatos de intervenção no campo: uma coleção de *toy-arts*<sup>7</sup> customizáveis<sup>8</sup>, que originou uma exposição com peças personalizadas por designers e líderes de turmas baseadas nas principais questões sociais contemporâneas dos bate-bolas mapeadas; uma publicação híbrida, em formato de almanaque seriado em fascículos<sup>9</sup>, cujo primeiro número aborda a tipologia das fantasias, as origens históricas e as principais regiões com turmas; e um livro infanto-juvenil<sup>10</sup>, que desmistifica o medo provocado pelo personagem. Todos os artefatos descritos pretendem que a continuidade do processo possa originar coleções que integrem novas informações sobre os bate-bolas e outros mascarados no Brasil e no mundo.

Os registros e os objetos de intervenção têm contribuído com diferentes recortes de pesquisa, mas algumas questões gerais sobre identidade podem ser destacadas no uso do método de etnomaterialização. Os bate-bolas, que tem sua origem na periferia da cidade, e assim como o samba ou o funk, são frequentemente associados ao crime e à violência por causa da ausência crônica do Estado nessas regiões. No caso dos bate-bolas, o problema é ainda maior porque a origem do festejo é a brincadeira de perseguir e assustar que cria a narrativa do personagem, diretamente ligada às influências históricas que vimos anteriormente. O que fica em cheque em

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mascaradosafroiberoamericanos/>.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCfk-jmt9GCbrrWZOHQdHABA>.

<sup>7</sup> Brinquedos colecionáveis por adultos.

<sup>8</sup> SILVA, Humberto Barros da. **Toy Art: o mito e os diálogos com a cultura dos bate-bolas**. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2020.

<sup>9</sup> CRUZ, Paula. **Publicações híbridas e novas formas de leitura do jovem bate-bola no subúrbio carioca**. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

<sup>10</sup> CARVALHO, M. S. **O livro ilustrado e as manifestações da cultura popular: um estudo sobre a sustentabilidade comunicacional e a etnomaterialização**. 2022. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.



termos de identidade não é só a tradição local, mas também a filiação histórica do personagem às suas referências ancestrais.

Assim, vários dos aspectos identitários do personagem vêm sofrendo alterações para tentar fugir do estigma de marginalidade. Muitas turmas substituem a bola, que dá nome à manifestação, por sombrinhas, ou escolhem temas infantis de estética *cute*<sup>11</sup> em vez da representação do universo de terror (caveiras e figuras mórbidas). As brincadeiras de perseguição nas ruas e as ameaças de ataque vão cedendo lugar às coreografias mais próximas de desfiles e espetáculos do que da brincadeira original. Materiais e performatividade se deformam para se adaptar a novos papéis sociais.

Em uma gravação em particular (drone) da chegada de uma turma visitante à saída da turma *Fascinação*, de Oswaldo Cruz, pudemos explicitar essa questão. Confrontamos essa gravação com fotos históricas da brincadeira de crianças e adolescentes vestidos de bate-bolas, nos anos 1970, em que a corrida caracterizava perseguição e a bola era a ameaça, como originalmente. No vídeo gravado, os adultos, com bolas, se organizam em fila na entrada da rua e, a um dado sinal, saem em disparada na direção da concentração de espectadores que os esperam. A câmera no drone consegue acompanhar sua disparada em plano *plongée*. Eles batem a bola com agressividade, como os bate-bolas antigos, correm em grupo, mas não há perseguição, o alvo não existe. No entorno, ninguém se esconde e não existem pessoas fugindo, como nos registros antigos. A colocação lado a lado dessas duas documentações deixa clara a mudança de um rito de passagem interativo e lúdico para um espetáculo ornamental.

Inúmeros aspectos identitários são ressignificados e passíveis de serem analisados com a etnomaterialização. A distinção entre técnicas artesanais e industriais, hierarquizando turmas e fantasias como mais elaboradas ou menos sofisticadas; o uso de determinados tipos de boás, que identificam diferentes custos e qualidades; a ostentação de tênis de marcas ou materiais caros como forma de manifestação contra exclusões sociais; as novas relações com o anonimato, que antes era uma exigência do festejo – atualmente, todos querem ser evidenciados como membro do espetáculo e do rito coletivo; a identificação de turmas com seus bairros, e até facções rivais, o que pode provocar, por um lado, legitimação e autoestima, mas, por outro, conflitos, violência e exclusão; o problema da preservação de tradições diante de inovações constantes; a permanente infiltração de temas da cultura de massa estadunidense e japonesa contraposta ao desejo de se configurar como patrimônio cultural da cidade. Enfim, uma miríade de questões intrincadas com a expressão material da cultura.

A pesquisa sobre os bate-bolas se aprofunda no estudo comparativo com a performatividade e materialidade de outras manifestações de mascarados. A roupa do Caretos de Podence, por exemplo, geralmente é única para cada brincante, e reutilizada a cada ano, sendo, ainda, de baixo custo. Já as fantasias dos bate-bolas, extremamente caras, são descartadas ao final do carnaval, tanto pela necessidade de atualizar o tema anualmente como pela pouca resistência dos materiais ao uso no calor carioca – o que levou a grandes alterações nas formas e nos tipos de roupas em relação aos festejos originais. Os próprios Caretos, no início do século XX, fixaram suas cores nas da bandeira portuguesa, em uma tendência de dar à manifestação uma

---

<sup>11</sup> Estética ligada a universo infantil com arredondamento da forma e proporções de cabeça/corpo dos cartoons (Harris, 2001).



perspectiva nacional, e os bate-Bolas, como já foi descrito, se permitem a representação de temas relacionados à cultura dos EUA ou da indústria de massa global. Embora os processos migratórios possam parecer estanques e absorvidos integralmente por essas individualizações regionais dos bate-bolas, o Krampus, no sul do país, ainda obedece ao nome e às tradições desse tipo de mascarado da Áustria e da Alemanha nas colônias migratórias no Brasil. O método da etnomaterialização cruzada com outras manifestações nacionais e internacionais tem permitido a visibilidade de aspectos comuns e específicos que contribuem para novas categorias de análise, como no estudo sobre indumentária e aspectos citadinos (Gamba Junior; Andrade Silva, 2020)

## Conclusão

Recentemente, líderes de turma, como Gilson de Piedade ou Luciano de Curicica, interferem nesses vetores culturais com dois gestos muito interessantes de reativação de reminiscências materiais do festejo. Gilson, em 2018, saiu com sua turma fantasiado de Carrasco, personagem de máscaras com origem similar à dos bate-bolas, mas que se tornou muito raro ou até extinto a partir dos anos 1980. Já Luciano, para o carnaval de 2020, resgatou a fantasia pirulito, original dos bate-bolas e substituída gradualmente por outros tipos mais contemporâneos, como o bufão e o rodado. A ideia é que, apesar de a sua turma seguir a tendência contemporânea da fantasia rodada, seu filho e as crianças do bairro – que geralmente se vestem com a mesma fantasia dos adultos – saiam com a versão mais antiga, o modelo denominado pirulito, mais simples e apropriado, em termos de custos e competitividade, ao universo infantil.

Na verdade, Luciano tenta preservar o hábito antigo, cada vez mais raro, mas ainda presente em alguns bairros periféricos: o costume de crianças usarem fantasias compradas prontas, mais acessíveis. Ao mesmo tempo, faz um manifesto político de dar um limite às questões que foram suscitadas pelo avanço dos bate-bolas como espetáculo, ostentação e manifestação competitiva.

Ou seja, entre fluxos de formas e funções, a materialidade segue falando antes, durante e depois da pesquisa. Um discurso por vezes inarticulado ou até silenciado pelas formas de grafias que não dão conta de representar a complexidade das técnicas, linguagens e processos de mediações integrados às manifestações culturais e seus papéis identitários.

## Referências

ANDRADE SILVA, Priscila. **A persona no cotidiano e a persona no carnaval: Bate-bolas, Bate-boletes e uma pesquisa sobre a cultura do vestir.** 2022. Tese (Doutorado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1812473\\_2022\\_completo.pdf](https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1812473_2022_completo.pdf). Acesso: 13 de Maio 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.** Brasília: Universidade de Brasília, 1987.



CARVALHO, Miguel. **O livro ilustrado e as manifestações da cultura popular**: um estudo sobre a sustentabilidade comunicacional e a etnomaterialização. 2022. Tese (Doutorado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61407/61407.PDF>. Acesso em: 14 de Maio 2024.

CHANG, Kwang-Chih. **Study of the Neolithic Social Grouping**: Examples from the New World. *American Anthropologist*, p. 298-334, 1958. Trimestral.

COSTA, Luís Filipe. **Caretos de Podence** – História, patrimônio e turismo. Braga: Poética Edições, 2017.

CRUZ, Paula. **Publicações híbridas e novas formas de leitura do jovem bate-bola no subúrbio carioca**. 2020. 192 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50266/50266.PDF>. Acesso em: 14 de Maio 2024

GAMBA JUNIOR, Nilton G. Sustentabilidade comunicacional: a realidade pós-editada. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 66-90, 2019. Semestral.

GAMBA JUNIOR, Nilton Gonçalves; SILVA, Priscila Andrade. Bate-Bolas: rastros materiais de rupturas históricas nas fantasias dos mascarados cariocas. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 92-104, 2020. Semestral.

HARRIS, Daniel. **Cute, quaint, hungry and romantic**: the aesthetics of consumerism. Cambridge. Massachusetts: Da Capo Press, 2001.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo Herege**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

PASOLINI, Pier Paolo. **As últimas palavras do herege**. Trad. Luiz Nazário. Diálogos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PASOLINI, Pier Paolo. **Os jovens infelizes**: antologia de ensaios corsários. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, 2014. Quadrimestral.

PRICE, Theron Douglas; FEINMAN, Gary. Michael. **Pathways to Power** – New Perspectives on the Emergence of Social Inequality. Nova York: Springer, 2012.

SILVA, Humberto Barros da. **Toy art**: o mito e os diálogos com a cultura dos bate-bolas. 2020. 149 p. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50178/50178.PDF>. Acesso em: 14 de Maio 2024

## Sobre o autor

### Nilton Gonçalves Gamba Jr.

Coordenador do Laboratório de Design de Histórias (DHIS) do Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. Graduação em Desenho Industrial na UFRJ (1993), mestre em Design pela PUC-Rio (1999) e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio (2004). Atualmente, é professor adjunto e diretor do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio.

<https://orcid.org/0000-0001-9576-5353>

### Miguel Santos de Carvalho

Doutor e mestre em Design pela PUC-Rio (2022). Tem experiência nas áreas de Artes, Design e Literatura, atuando nos temas narrativa visual, ilustração, animação, identidade visual e design editorial. Professor agregado do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio e pesquisador no Laboratório de Design de Histórias (DHIS), nas linhas de pesquisa Comunicação, Cultura e Artes.

<https://orcid.org/0000-0003-2680-4333>



**Priscila Andrade**

Mestre e doutora em Design (PUC-Rio), com doutorado sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), com bolsa concedida pela agência de fomento CAPES (edital CAPES/PRINT - Edital n. 41/2017). Atualmente, é professora adjunta do curso de Design da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi professora na graduação na PUC-Rio (2015-2023) e no Senai CETIQT (2006-2014).  
<https://orcid.org/0000-0001-8075-3050>